

## PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: ANÁLISE DE ESCRITA DE UM ADULTO COM SÍNDROME DE DOWN

JAÍNE TELLES QUEVEDO<sup>1</sup>; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– quevedojaine@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas- gilsenira\_rangel@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é de cunho investigativo e apresenta-se sob a forma de estudo de caso. Seu objetivo é descrever e analisar dados da escrita de um jovem com síndrome de Down (SD), através da proposição do teste de FERREIRO (1985). Para tanto, os dados foram coletados com um informante jovem com síndrome de Down. A seguir, os resultados da coleta foram analisados com o intuito de verificar as hipóteses sobre o processo de escrita ao qual o jovem melhor se caracterizava. O embasamento teórico apoia-se em FERREIRO e TEBEROSKY (1985), pois o trabalho tem como foco o processo de aquisição da escrita. E, sabe-se que o estudo das pesquisadoras passou a tratar, o tema da *Alfabetização*, de forma diferenciada, quando comparado às demais teorias conhecidas sobre o assunto. FERREIRO é uma pesquisadora Argentina, que fora orientada por Jean Piaget, durante sua tese de doutorado e, mais tarde, tornou-se sua colaboradora. Foi na década de 1980 que as ideias de FERREIRO e TEBEROSKY (1985) difundiram-se em nosso país, com grande aceitação, principalmente entre educadores e pesquisadores da área.

Segundo AZENHA (1994):

"O seu primeiro livro traduzido no Brasil, *Psicogênese da língua escrita*, representou uma grande revolução conceitual nas referências teóricas com que se tratava a alfabetização até então, iniciando a instauração de um novo paradigma para a interpretação da forma pela qual a criança aprende a ler e escrever." (AZENHA, 1994, p. 35).

Os resultados levantados pelos estudos de FERREIRO e TEBEROSKY (1985) indicaram a hipótese de que a criança obtém diferentes níveis de escrita, mesmo anteriores ao processo de alfabetização. Quão foi a importância desta descoberta que - em pouco tempo - propagaram-se, atingindo uma grande massa de alfabetizadores.

Considerando as hipóteses das pesquisadoras, pode-se constatar que a criança (e/ou pessoa em processo de alfabetização, neste caso, adulto) passa por diferentes níveis de aprendizagens. Sendo estes e seus conceitos, resumidamente, citados a seguir:

**-Pré-Silábico:** Ainda não estabelece uma relação entre a fala e a escrita. Apresentação das hipóteses de no mínimo três letras para dar sentido à palavra e da variação de caracteres, como do Realismo Nominal. Dentre esse conceito, encontra-se a caracterização de dois níveis. O primeiro, denominado como "Escrita Indiferenciada", é caracterizado pela representação da escrita com traços e/ou linhas. E da associação do tamanho do "objeto" observado com o tamanho da escrita do mesmo (realismo nominal). O segundo nível, que recebe o nome de "Diferenciação da escrita", é caracterizado, ainda, pelo número mínimo de letras,

<sup>1</sup>Graduanda no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FaE/UFPEl) e Bolsista no Programa de Educação Tutorial PET-Educação

<sup>2</sup>Coordenadora e orientadora do Programa Educação Tutorial PET-Educação

porém, passa-se a escrever as palavras, em sua maioria, com referência em escritas já apreendidas (como por exemplo, seu nome);

- Silábico: Ainda podem-se perceber características do estágio anterior, porém, já se atribui valor sonoro às letras. Passe-se a elencar uma letra para representar cada sílaba (podendo ela fazer ou não parte da ortografia correta).

- Silábico- Alfabético: Nesta hipótese, nota-se a superação da hipótese de escrita com mínimo de três letras, porém, ainda poderá identificar as sílabas com apenas uma letra. Passa-se, também, a utilizar mais caracteres. Seus escritos, agora, aproximam-se de um princípio alfabético.

- Alfabético: Neste nível, já se alcançou os conceitos necessários para a compreensão da concepção da escrita, como a identificação dos valores sonoros das sílabas que formam a palavra. Apesar disso, a representação se dá com alguns erros ortográficos, que não atrapalham a compreensão do que se está escrito no momento da leitura.

## 2. METODOLOGIA

A partir dos estudos realizados, elaborou-se uma descrição e adequação de métodos para análise da escrita de um jovem que, atualmente, está em processo de alfabetização em uma turma de educação de jovens e adultos (EJA)- parte de um Projeto de Extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)- denominado Novos Caminhos, frequentado por pessoas com SD e Déficit Intelectual. É importante salientar também, que o entrevistado já integrou um âmbito escolar em uma época dita como idade certa. Porém, por motivos de exclusão nesse espaço, o mesmo passou a não frequentar mais a instituição, não completando assim, a sua alfabetização. O jovem, com aproximadamente 23 anos de idade, caracteriza-se como um aluno dedicado e um exímio copiador. Porém, baseado nos resultados da coleta de dados, demonstrou dificuldades na escrita de palavras apresentadas de forma oral.

Para a coleta de dados, utilizou-se uma sala da Faculdade de Educação (UFPEl). E, após uma conversa inicial com aluno - sobre como poderia cooperar com a investigação -, apresentou-se a ele, onze palavras (nomes de frutas), que deveriam ser escritas em uma folha em branco com linhas. Vale salientar que a escolha da folha de caderno com linhas era para evidenciar a "preferência" da *escrita* das palavras. Já que o mesmo, em alguns momentos, pareceu querer escolher desenhos representativos. Além da folha, foi disponibilizado um lápis, uma borracha e uma caneta, para que pudesse escolher com qual dos objetos sentia-se mais à vontade.

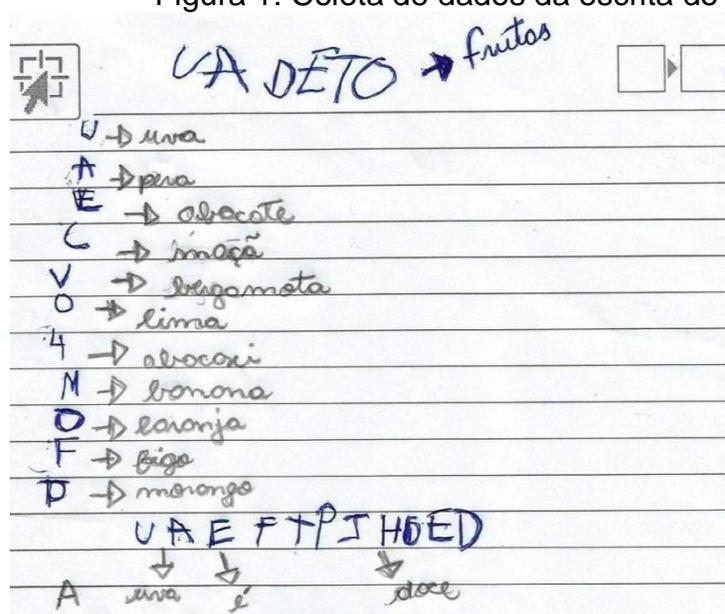
As palavras escolhidas pela investigadora eram conhecidas pelo entrevistado, e faziam todas parte do mesmo campo semântico. O método utilizado foi uma adaptação do teste de FERREIRO e TEBEROSKY (1985) ao qual AZENHA (1994) descreve da seguinte forma:

"Nas situações de escrita, a tarefa da criança era escrever palavras ditadas pelo experimentador. O conteúdo deveria fazer parte do repertório de palavras conhecidas pela criança, às quais, portanto, ela fosse capaz de atribuir significado." (AZENHA, 1994. p.44).

Considerando a metodologia das pesquisadoras, passou-se a ditar oralmente as palavras, tomando certo cuidado para não enfatizar o som de uma ou outra sílaba, de forma a não interferir diretamente na escrita do aluno.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1: Coleta de dados da escrita do jovem



A Figura 1 traz, em caneta azul, a *escrita* do entrevistado. Em lápis, estão as escritas “lidas” e apontadas pelo informante.

Os resultados apresentam certas especificidades na escrita deste aluno, como: a escrita da palavra “FRUTAS” com as letras “UADETO”, em que não mencionou nenhum som referente à palavra, apenas incorporou letras do seu nome. A palavra “UVA”, foi pronunciada várias vezes pelo entrevistado, que representou a escrita apenas pela vogal “U”. Algo parecido ocorreu com as palavras “PERA” e “ABACATE”, representadas na escrita somente pelas vogais iniciais e finais “A” e “E”. No caso de “MAÇÃ”, acredita-se que o aluno tenha recordado a escrita dessa palavra, todavia, associando o “C” com o “Ç”. Já, ao pronunciar “BERGAMOTA”, referiu-se ao som da letra “V”, compreende-se que havia uma troca do aluno entre os sons das consoantes, o que explicaria a representação da escrita com esta letra, afinal, “VERGAMOTA” seria outra forma correta de escrita. Ora, a palavra “BANANA” foi pronunciada corretamente, mas representada pela letra “M”, portanto, acredita-se que ocorreu uma associação da fonética das letras, fazendo com que houvesse uma troca das consoantes.

É interessante observar que, a escrita das palavras “LIMA”, “LARANJA” e “MORANGO” foi representada por desenhos- apesar da ênfase do início da entrevista, de que fosse produzida a *escrita*-. A palavra “ABACAXI” pareceu ser “a mais complexa”, pois se pode perceber a exigência de uma “reflexão” por parte do aluno, anterior à tentativa de escrita - pronunciando o som da letra- acabou por representar a palavra com um caractere supostamente conhecido por ele, o número “4”. O último nome de fruta ditado foi “FIGO”, sendo este, representado apenas pela consoante inicial “F”, ao qual, o aluno atribui à fonética da letra representada.

Seguindo a metodologia de FERREIRO (1985), para finalizar a coleta, ditou-se ao jovem uma frase contendo uma das palavras dos escritos anteriores. Escolheu-se a frase: “A uva é doce.”, obtendo como resultado a seguinte escrita “U A E F T P J H O E D”. Pode-se notar que a escrita de algumas palavras da frase apresentou grandes avanços, como é o caso de “UVA”, representada por duas letras, “UA” que representariam suas sílabas. E, o verbo ser “É” representado por

“E”, apenas com o esquecimento do acento agudo. Apesar disso, a palavra “DOCE” apresentou uma série de letras aleatórias.

#### 4. CONCLUSÕES

Com base na coleta de dados e na leitura do aporte teórico, pode-se constatar que o aluno representou, em sua escrita, as letras das palavras que tinham, para ele, o som predominante, e que eram reconhecidas por sua memória de longo prazo. Além disso, o entrevistado apresenta, em sua escrita, outros resultados que demonstram a representação de letras que, possivelmente, são utilizadas mais frequentemente pelo aluno, provavelmente, em sua alfabetização no Projeto Novos Caminhos.

Considerando todas as informações tidas sobre o jovem, e seu desenvolvimento cognitivo como aluno deste Projeto de extensão, somando-as com as análises de sua escrita, e com base nos conceitos estudados, foi possível encontrar várias caracterizações que o definiriam como Pré-Silábico Nível 2, para tanto, a hipótese mais relevante seria que, durante a escrita da palavra “fruta”, e da frase, o aluno utilizou-se de letras já pré-concebidas - possivelmente que façam parte de seu nome ou de algum familiar, por exemplo. Porém, apesar destes dados que o caracterizaram neste nível 2, “Diferenciação da Escrita”, apresenta, o entrevistado, também, a característica de uma possível transição para o processo silábico, como, por exemplo, o reconhecimento dos sons das letras.

Algumas especificidades do aluno foram consideradas no momento da descrição da análise de sua escrita. Especificidades estas, que podem ser consideradas como características de pessoas com SD, como, por exemplo, a memória de curto-prazo, hipótese que explicaria parte da dificuldade do aluno em reproduzir a escrita de palavras ditas oralmente. Afinal, poderia ele, apenas recordar de um ou dois sons na hora de transcrever a palavra. Porém, se faz necessário ressaltar que esta representação de escrita com apenas uma letra para cada palavra, é uma especificidade deste aluno, e não de todas as pessoas com SD.

Acredita-se que seria necessário um aprofundamento dos testes, além de uma base teórica ainda não adquirida completamente pela investigadora, para a compreensão de todos os dados levantados pela pesquisa, pois, nem mesmo o aporte teórico foi suficiente. Finalmente, pode-se dizer que o desenvolvimento da escrita não prevê uma análise concreta quando observada pelo pesquisador, e sim, prevê- a partir do conhecimento do assunto investigado - o levantamento de hipóteses que melhor expliquem as especificidades dos resultados encontrados, e que acrescentem, de maneira qualitativa, as investigações sobre o assunto.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZENHA, M. G. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1994. 6V.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1985. 1V.